

UMA MORTE ADIADA: CONTRIBUTOS CIENTÍFICOS E LITERÁRIOS DO LATIM

NO WEEPING MATTER: LATIN'S SCIENTIFIC AND LITERARY CONTRIBUTIONS

Alexandra de Brito Mariano¹

Resumo: *A história cultural e científica da Europa e não apenas do mundo ocidental está estreitamente ligada ao latim. Mesmo após o advento e predominância das línguas vernaculares, a língua latina vai persistir facilitando as trocas intelectuais. Em algumas áreas da ciência, como é o caso da botânica, a utilização do latim botânico foi uma realidade quase até aos nossos dias. Pretendemos fazer uma avaliação do latim, traçando brevemente a evolução da sua aceção enquanto língua morta ao longo dos séculos e visitar algumas contribuições de autores que redigiram as suas obras em latim.*

Palavras-chave: *Latim, Língua morta, História da Ciência, Jesuítas.*

Abstract: *Europe's scientific and cultural history is closely related to Latin, an affinity that extends beyond the Western world. Surviving the advent and rise to prevalence of vernacular languages in literary scientific fields, Latin language persists as facilitator for intellectual exchange. In certain scientific fields, such as botany, the use of Latin is a reality up to present day. We make an assessment of this role for Latin, briefly tracing its evolution through the centuries, revisiting the farther reaches of its dead language status and contributions from modern authors who expressed themselves in Latin.*

Keywords: *Latin, dead language, History of Science, Jesuits.*

*“Nemo me lacrimis decoret nec funera fletu
Faxit. Cur? Volito vivus per ora virum.”
Que ninguém chore por mim ou celebre o meu
funeral de luto. Porquê? Continuarei a viver,
enquanto
circular pelas bocas dos
homens.
Quinto Ênio, Epigrammata 1, 3-4²*

¹ Professora da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Faro, Portugal.

² Inscrição que Ênio (239-169 a.C.) teria composto para o seu próprio busto. Este artigo retoma

Desde que a taxonomia de Linneu entrou em aplicação no século XVIII, o latim tem sido a língua franca da botânica. Os botânicos recorriam à língua latina para atribuírem os nomes, a classificação da espécie e subespécie, e sua descrição. Em janeiro de 2012, todavia, o código de Melbourne³ veio possibilitar a escusa ao hábito, prática obrigatória a partir de 1908, de redigir a diagnose, ou descrição, em latim. As espécies continuam a necessitar de um nome em latim, mas para a sua diagnose – imprescindível para que a publicação valide o nome de um novo táxon de alga, fungo e planta – pode utilizar-se, em alternativa, o inglês (KNAPP; MCNEILL; TURLAND, 2011, p. 1). Esta alteração foi alvo de alguma controvérsia no seio da comunidade científica, espelhada em artigos de jornais e revistas da especialidade. Alguns investigadores pronunciaram-se a favor da nova determinação. Por exemplo, James S. Miller, decano e vice-presidente para a ciência no *International Plant Science Center* do Jardim Botânico de Nova Iorque, afirmou:

No longer will botanists have to write sentences like: *Arbor usque ad 6 m alta. Folia decidua; lamina oblanceolata vel elliptica-oblongata, 2-7 cm longa*, as I did in 2009, describing a new species from Mexico. Instead, I could simply write that *Bourreria motaguensis* was a six-meter-tall tree with deciduous leaves that were 2 to 7 centimeters long. (MILLER, 2012)

De igual forma, Mark Watson, do Real Jardim Botânico de Edimburgo, exprimiu o seu desabafo *About time too* e destacou o facto de a utilização do latim não ser, necessariamente, uma tarefa fácil para os estudiosos de países fora da esfera europeia, como o Nepal ou a China, onde centra muita da sua investigação (WATSON, 2011). Sandra Knapp, do Departamento de Botânica do Museu de História Natural de Londres, referiu que o fim da obrigatoriedade de utilizar o latim poderia também permitir uma maior inclusão de cientistas de países onde os *curricula* educativos não preveem, normalmente, a aprendizagem de línguas clássicas, acrescentando: “In places like Ethiopia, for example, people are finding it very difficult to write in Latin. But in reality everybody’s bad at it.” (KNAPP, 2012). Outros, como Jerrold Davis, que pertence a uma minoria pelo que nos foi dado entender, foram mais cautelosos na sua apreciação. Segundo este biólogo, igualmente especialista em Botânica, da Universidade de Cornell:

alguns considerandos de MARIANO, 2013. Para as citações latinas da Antiguidade, seguiram-se as edições de referência (Loeb Classical Library, Teubner). As traduções apresentadas são de nossa responsabilidade. Todos os URL foram acedidos em outubro de 2013.

3 Posteriormente denominado *International Code of Nomenclature for algae, fungi, and plants*.

The removal of the Latin requirement is an acceptance that English has become the language of science, and Latin has become an encumbrance rather than a facilitator of communication. I wish it would have a major effect, recognizing new taxa is absolutely essential, but it won't really speed things up. (DAVIS, 2012)

Não obstante outras opiniões de teor semelhante que a alteração no *Código* suscitou à data, nos parece que os investigadores são unânimes em reconhecer, como Davis, que o inglês já suplantou o latim e que ocupa, actualmente, a posição e o estatuto que a língua latina deteve durante séculos, na Europa Ocidental: uma língua fundamental, de expressão quase universal, veículo de cultura e de ciência. O latim, por seu turno, tornou-se “um estorvo em vez de um facilitador da comunicação.” (DAVIS, 2012).

Tais contrastes de percepção da evolução linguística da língua latina não são, obviamente, uma especificidade dos dias de hoje. Já no passado Horácio reflectira sobre a questão ao apontar que “As acções dos mortais não vão durar, nem a dignidade e a graça da dicção permanecer sempre vivaz” (*mortalia facta peribunt, nedum sermonum stet honos et gratia vivax*). HORÁCIO, *Epistulae* 2.3, 68-69)⁴. Outros escritores romanos descreveram a capacidade das palavras “morrerem”. Varrão, por exemplo, deixou escrito que “o envelhecimento corrompe algumas palavras, mas faz desaparecer muitas mais” (*vetustas pauca [verba] non depravat, multa tollit*. VARRÃO, *De lingua latina* 5.1.5) e Quintiliano, referindo-se à obsolescência de algumas formas onomatopaicas antigas, destacou que “muitas palavras cunhadas pelos antigos estão a morrer” (*multa [verba] ab antiquis ficta moriantur*. QUINTILIANO, *Institutiones oratoriae* 8.6.32). Nenhum autor latino da Antiguidade Clássica pareceu, porém, aplicar palavras do vocabulário referente ao falecimento humano para as atribuir à morte integral de uma língua (CONSIDINE, 2010, p. 56). Há que esperar pelo século XV, pela obra *Della famiglia* de Leon Battista Alberti, para se encontrar referida a ideia de que o latim se tinha de algum modo perdido desde a Antiguidade: “Qual teria sido o maior agravo: a perda do Império Romano ou a da língua latina” (*quale stata fosse perdita maggiore o quella dello antiquo amplissimo nostro imperio, o della antiqua nostra gentilissima lingua latina*. (ALBERTI, c. 1430, p. 153)⁵. O humanista sugeriu que a perda do latim foi mais séria e que o seu

4 Para *sermonum* enquanto dicção, ver BRINK, C.O. *Horace on Poetry: The “Ars Poetica”*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, p. 156.

5 Os livros *Della Famiglia*, sobre questões relativas à educação, ao casamento, à gestão do lar, e ao dinheiro, foram escritos em dialecto toscano. A obra manteve-se manuscrita até ao século XIX; foi publicada em 1843.

desaparecimento decorreu do desvirtuamento linguístico provocado pelo contacto com as línguas dos bárbaros na Antiguidade. Tal facto levou-o a optar por escrever em língua vulgar para chegar a um público mais alargado, como afirmou (*Idem*, p. 153-156). Terá, porém, reconsiderado posteriormente o seu entendimento relativamente à projeção do italiano pois, cerca de vinte anos mais tarde, vai redigir em latim aquela que será, talvez, a sua obra mais conhecida: *De re aedificatoria libri decem* (ALBERTI, 1452)⁶.

Na Itália do século XVI são vários os autores italianos que reiteram a ideia de que a língua latina estava então morta. Tomemos como exemplo o veneziano Paulo Manúcio que, no prefácio aos seus comentários sobre as cartas de Cícero a Quinto, descreve aqueles que denegriam o estudo do latim afirmando que “a língua latina já está obsoleta, e quase inteiramente extinta” (*Latinam linguam obsolevisse iam, et extinctam pene totam esse*. MANUTIUS, 1557, p. 47), passando a apresentar, antes de defender esta língua, os argumentos comumente convocados. Em primeiro lugar, nação alguma falava, à altura, latim; em segundo, o que de língua latina se encontrava nos livros eram meros resquícios e especifica: eram “como uma imagem sem vida [ou mesmo o fantasma] de um corpo morto” (*tanquam aliquod inane simulacrum corporis ex animis*. *Ibidem*)⁷. Não obstante as opiniões divergentes dos autores italianos de ambos os partidos envolvidos na controvérsia quinhentista, a respeito de o latim ser ou não uma língua morta, todos estavam, porém, de acordo quanto ao facto de considerarem que o latim fora no passado uma língua falada como qualquer outra e que era, ainda, fluentemente usada em funções restritas por um número considerável de pessoas. A polémica estendeu-se a outros países da Europa. Em meados do século XVI, por exemplo, o francês Esprit Rotier publicou uma dissertação com o título *De non vertanda scriptura sacra in vulgarem linguam, deque occidente litera, & uiuificante spiritu dissertatio* (ROTIER, 1548). Neste tratado de cariz teológico, o inquisidor de Toulouse emprega argumentos linguísticos e literários bem conhecidos, comparando a pobreza e instabilidade do vernacular por contraponto com a majestosidade e permanência do latim – as próprias origens da Bíblia, o seu estatuto elevado, enquanto texto inspirado por Deus, engrandeciam e colocavam a língua latina num nível superior às demais (WAQUET, 2002, p. 50).

Teremos de esperar pelo século XVII – momento em que a questão

6 Obra recentemente traduzida em português, cf. ALBERTI, Leon Battista. *Da Arte Edificatória*. Trad. de Arnaldo Espírito Santo; introd., notas e revisão disciplinar de Mário Júlio Teixeira Kruger. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

7 Para mais exemplos, ver CONSIDINE, 2010, p. 64 e sgs.

foi retomada e debatida por um conjunto bastante alargado de escritores europeus – para encontrar aquela que é considerada a primeira obra que aponta, logo no título, o fim de uma língua, a latina. Referimo-nos a *De ortu et occasu linguae latinae, cum eiusdem instaurandae modo, libri duo, ad politioris litteraturae studiosos*, da autoria do jesuíta alemão Johann Niess (NIESS, 1627). Para Niess, e à boa maneira jesuítica⁸, apenas o melhor latim clássico estaria vivo: não o da Idade Média ou o utilizado por um dos mais famosos escritores do século XVI, o flamengo Justo Lúpsio⁹.

A constatação de que a língua latina é uma língua morta não é, pois, novidade mesmo em época recuada. Desde o Renascimento e até meados do século XVIII, do Velho Mundo ao Novo, a instrução partilhava um destino comum sob a égide do latim. A sua omnipresença e predominância, acompanhada por uma comunidade de práticas, foi profunda e duradoura e a sua história unificou fortemente o cenário educacional ocidental e não exclusivamente ocidental. Manteve-se também como a língua litúrgica da Igreja católica, aquela em que se realizava o sacrifício da missa e se administravam os sacramentos, desde a instituição desta prática no Concílio de Trento até ao do Vaticano II – quatro séculos portanto¹⁰.

A produção literária e científica escrita em latim é colossal e seria impossível revê-la por inteiro neste artigo. Não obstante e para o latim empregue sobretudo a partir de 1400 bastará recordar a recolha monumental de Jozef Ijsewijn (IJSEWIJN, 1990; IJSEWIJN & SACRÉ, 1998)¹¹ no caso das Américas, a obra editada por Wolfgang Haase e Meyer Reinhold (HAASE & REINHOLD, 1994) e, para o Brasil, por exemplo as contribuições bibliográficas do *Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium*, à guarda da UNESP/Assis (BINATO; FONDA; RODRIGUES, 2007).

Ainda que a publicação de obras em língua latina tenha sofrido uma acentuada quebra a partir de meados do século XVIII, este processo não foi

8 Não esqueçamos que o texto da *Ratio Studiorum*, logo na redação de 1586, expõe meios muito concretos pelos quais se deve favorecer o estudo das Humanidades nos vários colégios da Companhia e, em particular, o estudo do bom latim, o latim culto e elegante. Cf. MIRANDA, 2002 e 2006.

9 Lúpsio viveu entre 1547 e 1606. Ver também CONSIDINE, 2010, p. 55-77.

10 Cf. WAQUET, 2002, p. 30 e sgs. A investigação recente tem contribuído para sustentar cada vez mais uma visão não exclusivamente eurocentrista em relação ao domínio e importância do latim. Veja-se, por exemplo, o recente livro de HASKELL & RUYS, 2010.

11 Para Portugal e o Brasil ver em particular, vol. 1, p. 118-126 e 308-310. No caso da Companhia de Jesus continuam importantes as obras de LEITE, 1938-1950 e de SOMMERVOGEL, 1890-1960. Temos constatado ultimamente um aumento de interesse, sobretudo no Brasil, pelos estudos da Literatura Brasileira de Expressão Latina, a nível dos estudos graduados, pós-graduados e de pós-doutoramento.

semelhante em todos os países. Se, por exemplo, em França o decréscimo foi muito veloz (em 1764 as publicações em línguas antigas e estrangeiras apenas representavam 4,5% do mercado editorial do reino), temos estudos que permitem aferir que, em Itália, essa tendência foi consideravelmente lenta. Apesar do declínio geral e irremediável que foi sofrendo, o latim continuou a ser utilizado durante o século XVIII, especialmente em manuais escolares, obras de carácter teológico e científico (WAQUET, 2002, p. 81-99).

Particularmente na primeira metade, especialmente nas temáticas da arqueologia, pintura, anatomia e história natural, chegaram inclusive a publicar-se textos bilingues e, por vezes, trilingues, justapondo o latim e o(s) texto vernacular(es) numa grande variedade de *layouts* tipográficos (WAQUET, 2002, p. 87; MARIANO, 2005, p. 195-230). Por exemplo o poema didáctico *Mettallurgicon, sive de cultura fodinarum auri et argenti carmen* da autoria do padre jesuíta húngaro Joseph Bartakovics (BARTAKOVICS, 1748) está redigido em três línguas: húngaro, latim e alemão (MARIANO, 2010¹). Outro exemplo é o legado do farmacêutico alemão Albertus Seba, *Locupletissimi rerum naturalium thesauri accurata descriptio* (SEBA, 1734-1765). A obra de Seba reflecte o interesse e trabalho do autor no domínio da história natural. A obra é magnífica e consiste em quatro volumes de grande formato, contendo 449 figuras e um texto explicativo, e foi publicada em duas edições bilingues que surgiram simultaneamente e eram idênticas, à excepção da língua empregue. Numa edição, o texto surge em latim e em neerlandês; na outra, em latim e francês¹².

Escrever em latim foi, pois, a partir do Renascimento, a garantia de uma circulação e recepção alargada por parte da comunidade letrada e são muitos os casos de publicações editadas em vernacular que vieram a ser, *a posteriori*, publicadas em língua latina¹³. Este fenómeno não é apenas uma característica da Europa ocidental e para o comprovar bastará voltarmos a visitar, por exemplo, a extensa produção literária e científica da Companhia de Jesus.

Tal como sucedia na América espanhola, muito do que se fazia e acontecia na vida cultural brasileira tinha como pano de fundo a Igreja; a esta coube, por exemplo, o domínio e a liderança no ensino. Várias ordens religiosas como a beneditina, franciscana e carmelita desempenharam papel

12 O título completo é *Locupletissimi rerum naturalium thesauri, accurata descriptio, et iconibus artificiosissimis expressio per universam physices historiam*. [online] Disponível em: <http://www.botanicus.org/title/b12082648> O título neerlandês é *Naaukeurige Beschrijving van het schatrijke Kabinet der voornaamste Seldzaamheden der Natuur van der Heer A. Seba* e em francês *Description exacte des principales curiosités naturelles du magnifique cabinet d' Albert Seba*. Ver também HOLTHUIS, 1969.

13 Já indicámos um conjunto de obras na nossa comunicação referida na n. 1.

essencial, mas a que mais se destacou foi a Sociedade de Jesus, desde 1549 até à sua extinção no domínio português, em 1759. Com efeito, o sistema de ensino dos seus Colégios pressupunha o domínio da língua latina e as actividades missionárias da Companhia implicavam o conhecimento de um leque de línguas alargado. Ainda que os padres jesuítas preferissem socorrer-se do português e de línguas indígenas como o quiriri e ingaíba e, com maior destaque, o tupi, tupi-guarani – alguns dominavam inclusive as línguas de África (MARIANO, 2005, p. 5-6; 121-153) – para a sua actividade evangelizadora, o latim não perdeu influência. Por exemplo, o jesuíta João Filipe Bettendorff considerou importante verter para latim o *Catecismo na Língua Brasilica* de António de Araújo (ARAÚJO, 1618) e a *Arte da Língua Brasilica* do padre Luiz Figueira (FIGUEIRA, [1621]) e, em 10 de abril de 1687, já teria terminado a tradução das duas obras (LEITE, 1949, p. 98-101; 234-235).

Não conhecemos, para a história de livro escrito em latim, estatísticas globais relativas à realidade brasileira. Serafim Leite revela, no entanto, que a biblioteca do Colégio Jesuíta do Rio de Janeiro, frequentada por jesuítas mas também por leigos, era muito rica e permanentemente actualizada. Só em 1734, por exemplo, teriam entrado 92 novos volumes no catálogo, entre impressos, na própria casa, e outros “trazidos cada ano dos livreiros de Lisboa e da Europa.” (ARSI, 10, 220). Em 1760, a biblioteca comportaria 6000 volumes: obras de ciência sacras e profanas e as últimas novidades de livraria (*Bras.*26, 149-150v)¹⁴. É previsível que outros colégios da Companhia seguissem uma política de aquisições idêntica à do Colégio do Rio de Janeiro pois, contrariamente ao que sucedeu na América espanhola, a imprensa, tal como a universidade, só foi estabelecida no Brasil já no século XIX (SODRÉ, 2004, p. 9-28; MARTINS & LUCA, 2008).

Ainda no século XVIII e especificamente sobre a realidade brasileira podemos destacar o *Tractatus de novorum operum aedificationibus eorumque nuntiationibus...* do jesuíta Manuel Álvares Ferreira (FERREIRA, 1750), sobre a edificação e o embargo de obras novas, considerado o estu-

¹⁴ Apud LEITE, 1945, p. 26-28. Sobre a produção tipográfica portuguesa (não exclusivamente em língua latina), têm vindo a ser editadas obras relevantes: ANSELMO, António Joaquim. *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1977; AROUCA, João; CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de (pref.); DOMINGOS, Manuela D. (ed. lit.). *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVII: letras A-C*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2001. Esta bibliografia, com a mesma equipa de autores, sob a égide da Biblioteca Nacional de Portugal, continuou para as obras impressas no século XVII: letras D-L (2003), letras M-R (2005) e letras S-Z (2011). Ver tb. MARTINS, Lúcia (ed. lit.); LEITÃO, Henrique (orient. cient.). *O livro científico dos séculos XV e XVI: ciências físico-matemáticas na Biblioteca Nacional*. Portugal: Biblioteca Nacional de Portugal, 2004 e CURTO, Diogo Ramada. *Cultura escrita: séculos XV a XVIII*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2007.

do mais completo das ordenações urbanas da legislação portuguesa e fonte insubstituível para o estudo da arquitectura e do urbanismo de Portugal e do Brasil, na segunda metade de Setecentos (MONTEIRO, 2010). Este tratado, de edição única e com mais de 900 páginas, representa a síntese entre os dados de uma tradição legislativa de longa data (que tem a sua base na gestão de conflitos urbanos), a que se vão associar novos procedimentos operativos e estabelece uma ponte entre os tempos, necessariamente longos, da história do urbanismo que, no caso da história do urbanismo português, se desdobra e renova nos processos de urbanização dos territórios da expansão; surge no século XVIII que é por definição o período da grande expansão urbana brasileira¹⁵.

Mais famosas e conhecidas são as obras dos padres Prudêncio do Amaral, *De sacchari opificio carmen* (AMARAL, 1780¹⁶), e de Amaral e José Rodrigues de Melo, *De rusticis brasiliae rebus carminum IV – Accedit Prudentii Amaralii brasiliensis de sacchari opificio carmen* (MELO & AMARAL, 1781), sobre a manufatura do açúcar e demais assuntos importantes para a economia do Brasil à época. Nesta obra de matriz virgiliana, verdadeira apologia da ruralidade brasileira, descrevem-se processos agrícolas numa renovada poesia geórgica. Melo canta o pão ou farinha de mandioca nos primeiros dois livros, a carne no livro terceiro, tal como as *Geórgicas*, e o tabaco no quarto; a fechar o livro surge, reeditado, o canto sobre o açúcar do padre Prudêncio do Amaral. A utilização do latim terá, por um lado, servido a Rodrigues de Melo, que vivia exilado em Roma desde 1774, para dar a conhecer os seus poemas aos companheiros do Collegio Romano e, bem assim, estrategicamente, para atribuir grandeza e autoridade aos tópicos agrícolas, consolidando o discurso sobre a grandeza das culturas do Brasil (MARIANO, 2010²).

15 Foi iniciada a tradução da obra ao abrigo de um projecto financiado pela AD URBEM e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

16 O poema foi publicado pela primeira vez isoladamente, em edição póstuma; em 1781 seria junto aos quatro livros de Rodrigues de Melo. Cf. LEITE, 1946, p. 31-38. Por curiosidade vejamos os versos que fecham o canto do açúcar e onde este é colocado a par com outras riquezas da colónia, como o bálsamo, as madeiras e as pedras preciosas: *Quare, haec, Brasiliae quam donant nomine, tellus / Non magis a populis laudatur ubique remotis, / Ligna quod eximia enutrit, pretiosa quod altis / Balsama profundit sylvis, quod foeta metallis, / Gemmarumque ferax, adamantes gignit & aurum, / Quam quod sacchareis oneret convivia donis, / Ambrosiisque epulis utrumque beaverit orbem* (vv. 578-582) – “Por isso, esta terra, a chamam Brasil, não é apenas louvada pelos povos longínquos por ter madeiras excelentes e produzir bálsamo nas matas dilatadas, ser fecunda em metais e rica em pedras preciosas, engendrar diamantes e ouro; é louvada também por encher as mesas de manjares de açúcar e, com os seus acepipes ambrosíacos, rejubilar dois mundos.” O texto latino segue a edição de MELO & AMARAL, 1941, p. 122.

Resta-nos acrescentar por ora que mesmo quando os estudiosos fazem uso das suas línguas nacionais após Setecentos, certo é que alguns académicos continuaram a escrever em latim, em exclusivo, em algumas disciplinas, como é o caso lapidar da Botânica. Podemos destacar, como exemplo, João de Loureiro um missionário jesuíta português que esteve durante 40 anos na Cochinchina (Vietname) regressando a Lisboa em 1782, e que publicou as suas investigações em língua latina: *Flora cochinchinensis...* (LOUREIRO, 1790). Loureiro ocupa uma posição inquestionável entre os colectores de espécies vegetais do século XVIII. A sua obra foi, até final do século XIX, a obra standard a que os botânicos, que trabalhavam com a flora chinesa e em particular com a da Cochinchina, tinham de recorrer. Ainda no final de Oitocentos, uma grande parte das plantas desta região só eram conhecidas pelas suas descrições (HARRIS, 2000, p. 213)¹⁷. Na realidade, ainda que o latim botânico seja uma língua artificial – derivada do latim escrito do século XVI, já completamente diferente da língua de Cícero e com uma aplicação técnica muito específica (STERN, 1983, p. vii-viii; 10-11, 46; CLACKSON, 2011) –, certo é que foi empregue, até há pouco tempo como referimos previamente, para as diagnoses botânicas; certo é, também, que possibilitou a troca, a partilha dos esforços e avanços da ciência, e permitiu a abertura ao conhecimento de realidades culturais diferentes, como aliás foi, desde sempre, o desígnio do latim.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Leon Battista. *I libri della famiglia III, proemio* (c. 1430). In GRAYSON, Cecil (ed.). *Opere volgare*. 3 vols., v. 1. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1960.
- _____. *De re aedificatoria* (1485). 2 vols. Milan: Edizioni il Polifilo, 1966.
- AMARAL, Prudêncio, SJ. *De sacchari opificio carmen*. Pisauri: Ex Typographia Amatina, 1780.
- ARAÚJO, António de, SJ. *Catecismo na Língua Brasilica*. Lisboa: Pedro Craasbeck, 1618.
- BARTAKOVICS, Josephus, SJ. *Metallurgicon, sive de cultura fodinarum auri et argenti carmen. Adjectus indiculus vocabulorum quorundam ad aurariam argentariamque spectantium. Latine, hungarice et germanice*. Tyrnaviae: Ex Typ. Academicis Soc. Jesu., 1748.

¹⁷ Sobre a questão das missões jesuítas na Ásia, em particular na China, e a problemática do latim, ver também WAQUET, 2002, p. 53-57.

- BINATO, Cláudia Valéria Penavel; FONDA, Enio Aloísio; RODRIGUES, Mirtes Rocha. O estado atual do acervo dos manuscritos junto ao *Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium*. *Patrimônio e Memória*, S. Paulo, v. 3, n. 1, p. 186-194, 2007. [online] Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/150>
- BRINK, C.O. *Horace on Poetry: The "Ars Poetica"*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- CLACKSON, James (ed.). *A Companion to the Latin Language*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011.
- CONSIDINE, John. *De ortu et occasu linguae latinae: The Latin Language and the Origins of the Concept of Language Death*. In: HASKELL, Yasmin & RUY, Juanita Feros (eds.). *Latinity and Alterity in the Early Modern Period*. Tempe, Arizona: Brepols, 2010, p. 295- 305.
- DAVIS, Jerrold. *Nature news blog*, 9 jan. 2012. [online] Disponível em: <http://blogs.nature.com/news/2012/01/revised-rules-for-botanical-taxonomy-take-effect.html>
- FERREIRA, Manuel Álvares, SJ. *Tractatus de novorum operum aedificationibus, eorumque nuntiationibus, et adversus construere volentes in alterius praejudicium in six libros distributus, in duosque tomos divisus*. 2 vols. Porto: Domingos Sequeira Costa, 1750.
- FIGUEIRA, Luiz, SJ. *Arte da Língua Brasilica*. Lisboa: Manoel da Silva, [1621].
- GAMA, José Basílio da. *Brasilienses Aurifodinae Poemate Didascalico Ab Aurifodinensibus Musis depromptae, sive De Auro, ejusque extractione in Brasilia Poetica Descriptio A Josepho Basilio Gama elucubrata. additis, Et Compendiaria appendice, soluta oratione: Et curiosa quaestione de Auri genesi*. [Roma], [1760-1762].
- HAASE, Wolfgang & REINHOLD, Meyer (eds.). *The Classical Tradition and the Americas* v. 1. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1994.
- HARRIS, Steven J. Mapping Jesuit Science: The Role of Travel in the Geography of Knowledge. In: O' MALLEY, John et alii (ed.). *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*. Toronto: Buffalo & London, 2000, p. 212-240.
- HOLTHUIS, L. B. Albertus Seba's "Locupletissimi rerum naturalium thesauri..." (1734-1765) and the "Planches of Seba" (1827-1831), *Zoologische Mededelingen*, Leiden, v. 43, n. 19, p. 239-252, 1969. [online] Disponível em: [www.repository.naturalis.nl /document/150011](http://www.repository.naturalis.nl/document/150011)
- IJSEWIJN, Jozef. *Companion to Neo-latin Studies*. 2 vols., v. 1. Leuven: Leuven University Press, 1990.
- IJSEWIJN, Jozef & SACRÉ, Dirk. *Companion to Neo-latin Studies*. 2 vols., v. 2. Leuven: Leuven University Press, 1998.

- KNAPP, Sandra; MCNEILL, John; TURLAND, Nicolas J. Changes to publication requirements made at the XVIII International Botanical Congress in Melbourne – what does e-publication mean for you? *BMC Evolutionary Biology*, v. 11, p. 1-4, set. 2011.
[online] Disponível em: <http://www.biomedcentral.com/1471-2148/11/251>
- KNAPP, Sandra. *Nature news blog*, 9 jan. 2012. [online] Disponível em: <http://blogs.nature.com/news/2012/01/revised-rules-for-botanical-taxonomy-take-effect.html>
- LEITE, Serafim, SJ. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vols. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 6, 1945; v. 8, 1949. _____. *Geórgicas brasileiras*. *Verbum* [Separata]. Rio de Janeiro, t. 3, fasc. 1, mar. 1946.
- LOUREIRO, João, SJ. *Flora cochinchinensis: sistens plantas in regno Cochinchina nascentes. Quibus accedunt aliae observatae in Sinensi imperio, Africa Orientali, Indiaeque locis variis. Omnes dispositae secundum systema sexuale Linnaeanum*. Ulyssipone: Typis, et expensis academicis, 1790. [online] Disponível em <http://www.botanicus.org/bibliography/b12074226>
- MANUTIUS, Paulus. *Epistula* (1557). In: _____. *Epistolarum libri decem*. Londini: Apud Ioannem Kyngstonum Guilielmi Nortoni sumptibus, 1573.
- MARIANO, Alexandra de Brito. *Brasilienses Aurifodinae: o ouro e a literatura didáctica no Brasil setecentista: texto e tradição literária*. 2 vols. v. 1. [Tese de Doutoramento em Literaturas Clássicas – Literatura Latina apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve]. Faro: [s.n.], 2005.
- _____. On Gold and Poetry: the *Metallurgicon*. The Society of Jesus and gold lore through the work of Bartakovics. In: SCHNUR, Rhoda (general ed.). *Acta Conventus Neo-Latini Budapestinensis: Proceedings of the Thirteenth International Congress of Neo-Latin Studies*. Tempe, Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2010¹, p. 223-232.
- _____. Da mandioca ao açúcar: as *Geórgicas* no novo mundo. *Literatura e cultura: percursos críticos*, Viçosa, MG, p. 77-90, 2010².
- _____. O latim: língua morta com futuro. *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Porto, 2013 (no prelo).
- MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MELO, José Rodrigues de, SJ & AMARAL, Prudêncio do, SJ. *De rusticis brasiliae rebus carminum IV. – Accedit Prudentii Amaralii brasiliensis de sacchari opificio carmen*. Roma: Ex Typographia Fratrum Puccinelliorum, 1781.

- _____. *Geórgicas brasileiras: cantos sobre coisas rústicas do Brasil*. Reed. da ed. *princeps* de 1781. Trad. portuguesa de João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, biografias e notas de Regina Pirajá da Silva. Rio de Janeiro: Academia Brasileira, 1941.
- MILLER, James S. Flora, Now in English. *The New York Times*, 22 jan. 2012.
[online] Disponível em: http://www.nytimes.com/2012/01/23/opinion/plants-in-plain-english.html?_r=3&ref=opinion&
- MIRANDA, Margarida. A *Ratio Studiorum* e os estudos humanísticos I: defesa das Humanidades. *Boletim de Estudos Clássicos*, Coimbra, v. 37, p. 105-115, 2002. [online] Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/bec37>
- _____. A *Ratio Studiorum* e os estudos humanísticos III: latim culto e latim bárbaro. *Boletim de Estudos Clássicos*, Coimbra, v. 45, p. 105-114, 2006. [online] Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/bec45>
- MONTEIRO, Claudio. *Escrever Direito por linhas rectas. Legislação e planeamento urbanístico na Baixa de Lisboa 1755 – 1833*. Lisboa: AAFDL, 2010.
- NIESS, Johann. *De ortu et occasu linguae latinae*. Dillingae: Apud J. Sermodi, 1627. [online] Disponível em: http://books.google.com/books/about/De_ortu_et_occasu_linguae_latinae.html
- ROTIER, Esprit. *De non vertanda Scriptura Sacra in vulgarem linguam, deque occidente litera, & vivificante Spiritu dissertatio*. Tolosae: Apud Jean Dembat & Jean Chazot, 1548.
- SEBA, Albertus. *Locupletissimi rerum naturalium thesauri Locupletissimi rerum naturalium thesauri, accurata descriptio, et iconibus artificiosissimis expressio per universam physices historiam*. (4 vols. Amesterdão, 1734-1765) [online] Disponível em: <http://www.botanicus.org/title/b12082648> e <http://archive.org/details/Locupletissim1Seba>
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2004.
- SOMMERVOGEL, Carlos, SJ et alii. *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. 12 vols. Bruxelles: Alphonse Picard, 1890-1960.
- STERN, William T. *Botanical Latin: History, Grammar, Syntax, Terminology and Vocabulary*. Trowbridge: David & Charles, 1983.
- TOURNOY, Gilbert & TUNBERG, Terence O. On the Margins of Latinity? Neo-Latin and the Vernacular Languages. *Humanistica Lovaniensia-Journal of Neo-Latin Studies*, Leuven, v. 45, p. 134-175, 1996.

WAQUET, Françoise. *Latin or the Empire of a Sign: from the Sixteenth to the Twentieth Centuries*. London & New York: Verso, 2002.

WATSON, Mark. *Nature*, 20 jul. 2011. [online] Disponível em: <http://www.nature.com/news/2011/110720/full/news.2011.428.html>

Recebido em: 31/10/2013. Aceito em: 21/03/2014.